

Infiltração, de Jimson Vilela

O espaço sempre me fez silencioso.

Jules Vallès, citado por Gaston Bachelard em *A poética do espaço*

A partir de um livro deixado ao chão, aberto e de pé, cujas lombadas cedem à proliferação abundante e difusa de páginas exageradamente alongadas, lançadas desde o miolo do livro até ganhar a arquitetura, com desenvoltura, e infiltrarem-se pela parede, ergue-se o que poderia ser chamado por um “dilúvio invertido”. As páginas que saem do livro se depositam pelo chão, se acumulam e ocupam o espaço com presença massiva antes de suspenderem e atravessarem a parede, num corte. A fluidez da brancura da página multiplica-se por toda a sala. Se, num livro, é na sequencialidade das páginas que se desenrolam os eixos narrativos, em *Infiltração*, de Jimson Vilela, o espaço das páginas, de fato, desdobra-se sobre a arquitetura, dando a ver suas múltiplas tramas em simultaneidade. Assim, o livro ocupa um espaço que excede os limites de suas capa e sobrecapa, e mesmo da materialidade de seus códigos. Trazer à percepção sensível do corpo os fluxos proliferantes do escrito e do lido num livro, como sondagem silenciosa do mundo, é uma metáfora poderosa que reconhece a dimensão incontornável dos discursos, a “conversa infinita” da qual as bibliotecas permanecem como testemunho patrimonial. Em *Infiltração*, o artista confere às páginas uma materialidade orgânica, rizomática, inconclusa em sua cor branca silenciosa e por demais pesada, presente. Neste trabalho, que integra uma série de pesquisas de Jimson Vilela em torno da fenomenologia do espaço arquitetônico em correspondência ao espaço da página, a “arquitetura como imediatismo para o corpo e o livro como poder da imaginação” apresentam-se como principais interesses do artista, encantado com a forma do livro e suas possibilidades de produzir e ocupar espaços para a experiência fenomenológica. Guardadas sob o peso de uma “existência encoberta”, como escreveu Alberto Manguel, “perdidas em meio às suas irmãs, entre as capas de um livro”, as páginas estão adormecidas. *Infiltração* dá concretude aos trânsitos oníricos latentes de infinitas associações, simbologias e camadas de leituras que a página é capaz de alcançar. Livros são objetos de contenção e adensamento, páginas produzem emaranhados sem fim, por assim dizer. Nas palavras de Jorge Luis Borges, livros se distinguem de todos os demais objetos por serem uma “extensão da memória e da imaginação”. E Alberto Manguel nos lembra das dimensões antropomórficas da página, de sua escala de posse e intimidade, ao contar dos parâmetros do editor francês Hubert Nysen para chegar ao formato de suas publicações: a partir da distância vertical entre o metacarpo e a ponta do dedo indicador, e da distância horizontal entre a base do polegar e o outro extremo da palma da mão foram definidas as medidas das páginas. O livro e esta qualidade de acesso imediato que a página oferece se complexificam na medida em que são espacializados, como realiza o artista: “Penso que arquitetura e livro são espaços com algumas regras próprias e particulares; meu trabalho é um esforço para fundir e, assim, subverter ambas as lógicas”. Em *Infiltração* as páginas prolongam-se desde o livro e ocupam o espaço arquitetônico, qualificando a situação e estabelecendo um lugar que envolve o espectador num enredo espacial: faz-se

reconhecer uma escrita no espaço, endereçada à experiência do corpo, ilegível somente pela retina dos olhos.

A partir do atravessamento da parede, as superfícies das páginas agora escorrem para o chão e ali estabelecem um emaranhado de rios caudalosos ou talvez um fragmento de oceano. À aceleração em que se origina o fluxo, no livro da sala anterior, sucede agora um repouso que, no entanto, não diminui a sensação de fluidez da instalação. As páginas do livro, tendo penetrado a arquitetura, ocupam o espaço com uma presença massiva, depositam-se centenas de quilômetros de papel que foram se dobrando e acomodando no chão. O livro projeta-se como arquitetura em expansão, atravessando a parede e também todo um percurso significativo de obras dentro do projeto expográfico da exposição. O trabalho infiltra-se nas dimensões materiais e simbólicas do Paço das Artes e na circunstância expositiva na qual é apresentado. Anos atrás, o artista revelava claramente um partido em sua produção: “No que eu faço há um interesse em como o texto (gráfico, falado, visual, histórico, contextual...) influencia o corpo”. Portanto, uma trama (inter)textual desenrola-se num movimento de atravessamento pelo espaço em *Infiltração*. A instalação abre e recorta a arquitetura, ao mesmo tempo, conjugando peso e fluidez. Importante atentar para a topologia das inumeráveis curvas e câmaras construídas pelos papéis, que tendem a escapar da mensuração evidente do espaço, constituindo, por entre suas dobras e redobras, acúmulos inimagináveis de espaço de superfície, tal como a fita de Moebius, que pode ser infinitamente recortada pela tesoura de Lygia Clark em *Caminhando*. Tais topologias mostram-se capazes de sustentar uma imagem do infinito e tal é a sensação em *Infiltração*, de Jimson Vilela. Conquanto as páginas tracem linhas leves e delicadas na clareza geral do conjunto, o peso material de sua ocupação do espaço altera a duração, cria exigência para que a experiência se decante ao longo dos infinitos horizontes interpondo-se ao longo das páginas. *Infiltração* convida o visitante a andar pelos arredores de sua paisagem, perceber, por exemplo, que um sombreado roxo se insinua entre as sutis variações de branco, e que há um senso tátil se despregando da alvura do papel e, num certo momento, todo o espaço que o olhar alcança parece recolher-se entre as margens das páginas.

Júlio Martins